

Autismo e Psicanálise: notícias da França

Alessandra Barbieri

“A falta de dados sobre a sua eficácia e a divergência nas opiniões emitidas não permitem concluir a pertinência das intervenções fundadas sob a óptica psicanalítica”. É dessa forma que a Alta Autoridade de Saúde (HAS – Haute Autorité de Santé), na França, se pronunciou sobre as recomendações para o tratamento do autismo, em um relatório vindo a público em 8 de março de 2012.

A mais alta instância sanitária francesa, como a define o jornal francês Libération, fechou as portas à psicanálise no que diz respeito ao tratamento do autismo. De Bruno Bettelheim a Françoise Dolto, de Lacan a Maud Mannoni, o jornal aponta que a psicanálise, na França, sempre teve um lugar chave na tentativa de compreender esse quadro enigmático. E então, conclui, a psicanálise, teoria da palavra, se vê condenada ao silêncio.

A HAS recomenda ainda, para os casos diagnosticados como autismo, que “se iniciem as intervenções antes dos 4 anos de idade, e que elas sejam personalizadas, globais e coordenadas, fundadas sobre um aporte **educativo, comportamental e desenvolvimentista.**”

As reações, pode se imaginar, foram contundentes. “É como se houvesse sido decretado o fim do inconsciente”, dizem alguns psicanalistas nos veículos de comunicação franceses, classificando o relatório de “arcaico”, “catastrófico”, “revisionista”.

É importante que se diga que o autismo recebeu do governo francês o título de “A Grande Causa Nacional de 2012”. Desde então, associações de pais de crianças autistas promovem uma campanha sob o tema “a guerra contra a psicanálise está declarada”. Muito presente na mídia, ataca o tratamento psicanalítico de crianças autistas, dizendo, a grosso modo, que ele é ineficaz, não propondo uma melhora do quadro, de fato. A partir dessa campanha, foi depositada, em 12 de janeiro de 2012, uma proposta de lei, de autoria de Daniel Fasquelle, deputado de Pas de Calais, que estipula que “as práticas psicanalíticas, sob todas as suas formas, devem ser abandonadas no acompanhamento das pessoas portadoras de autismo”. À frente dessa campanha, estaria Vincent Gerhards, presidente da associação Autistes sans Frontière (Austistas sem Fronteiras).

Na grande mídia, fonte de minha pesquisa para este texto, na maioria das reportagens sobre o assunto, os psicanalistas são acusados de pouco ou nenhum diálogo, surdos aos achados da genética e das neurociências sobre o autismo. Junto a isso, representantes de associações de pais de crianças autistas, como a citada acima, vêm a público mostrar sua indignação com a culpabilização que sofrem, por parte dos profissionais de orientação psicanalítica, pelo quadro apresentado por seus filhos.

Reconhecem-se aqui ecos da requeitada disputa de território que opõe psicanalistas e representantes do comportamentalismo e das neurociências,

vitaminada pelo imediatismo pós-moderno. O autismo seria então o campo de batalha da vez (vide “O Livro Negro da Psicanálise”, lançado na França, em 2005). Porém, só vale a pena pensar a briga se nos posicionamos, psicanalistas, para além da legítima defesa, e nos perguntamos o que temos feito de nossas práticas.

O Libération indaga como se chegou a essa situação, uma vez que os psicanalistas detinham praticamente todos os postos de poder na Universidade e nos serviços de psiquiatria há pelo menos uma dezena de anos. Em um artigo para o periódico, o psicanalista Serge Tisseron ensaia uma resposta: uma vez que a psicanálise é a ‘ciência do inconsciente’, os psicanalistas se centraram na descoberta dos significados inconscientes. E com isso, ignoraram, para não dizer desvalorizaram, tudo que diz respeito a outras funções do psiquismo, precisamente aquelas que Freud atribuiu ao pré-consciente e ao consciente, como o aprendizado e as capacidades de atenção e de concentração. Resultado: uma incapacidade para compreender os aspectos da vida psíquica que têm sido revelados como muito importantes nos últimos tempos: o lugar dos traumatismos cujo impacto não se pensa em termos de inconsciente, o lugar do corpo e a importância das imagens como modo de simbolização.

Em uma entrevista no Nouvel Observateur, de 18 de abril, a psicanalista Elisabeth Roudinesco e o filósofo Alain Badiou afirmam que os psicanalistas têm que encontrar um meio de satisfazer a nova demanda, das novas doenças, que lhes é endereçada sem ceder ao neo-positivismo. Porém, eles estão imóveis, presos em querelas internas quando precisariam dar um passo à frente! Roudinesco lembra que os psicanalistas não têm que se postar como policiais da boa conduta em nome do complexo de Édipo. Ela aponta que, atualmente, esqueceram-se da questão política, ocupam a grande mídia fazendo diagnósticos públicos, tornando-se estetas assépticos, desengajados da sociedade.

O Fígaro, apesar de bater duramente na psicanálise, com títulos como “autismo: a neurobiologia descredita a psicanálise”, mostra um tom favorável a Marie-Christine Laznik e a traz como uma profissional aberta às descobertas atuais, partidária de uma intervenção precoce nesses casos. Ela diz que “as mães não têm nada a ver com a origem do autismo”.

Roudinesco novamente, em artigo do Nouvel Observateur, afirma ser “inaceitável que se continue a dizer, como o fazem um bom número de psicanalistas, que o autismo seria a consequência do comportamento de mães frígidas, frias ou que se portem como se fossem a mandíbula de um crocodilo prestes a devorar sua cria. Só podemos nos indignar com essas falas, sem porém sustentar soluções miraculosas como preconizam os adeptos mais selvagens do tratamento comportamental”

O debate segue quente e há um abaixo-assinado, redigido por psicanalistas e profissionais indignados com essa situação, encontrado no site ww.lacanquotidien.fr e que já conta com a assinatura de mais de 40 instituições. Reproduzo abaixo alguns trechos dele:

“Nós, profissionais da saúde, pais de crianças portadoras de TED/TSA*, professores, pesquisadores, intelectuais, educadores, e todos os membros da sociedade civil aí concernidos, pedimos que o autismo, a grande causa nacional do ano de 2012, pare de ser o troféu da disputa que opõe, de forma estéril, concepções oriundas de conceitualizações de épocas ou de descobertas científicas que entendemos ser divergentes entre si. Somos conscientes de que determinados praticantes da psicanálise sustentaram, no passado, posições que causaram danos, ao darem a entender aos pais dessas crianças que eles próprios seriam os culpados pela doença de seus filhos, adotando uma atitude distante e sem empatia, e propondo intervenções extremamente sutis, enquanto o restante do mundo está de acordo que as medidas para o tratamento dessas afecções devem ser precoces e intensivas. Mas, essa época, em sua maioria, é passado. Por outro lado, a maioria das equipes de psiquiatria infantil, compreendidas aí aquelas que são de formação psicanalítica, construíram, acompanhando muito de perto a patologia autista, dispositivos centrados nas crianças e em seus pais, sem, no entanto, abandonar a reflexão psicanalítica, pelo contrário, aprofundando seus conceitos. É verdade que, em seus primeiros tempos, a psicanálise dedicou-se principalmente à neurose, mas, no que diz respeito ao autismo – e a outras patologias específicas dos primórdios do desenvolvimento – ela construiu novos conceitos, mais adaptados a afecções que dizem respeito a transtornos desse momento de vida, associando aí também outros modos de pensamento, atuais, desde a neurociência, passando pela psicologia do desenvolvimento e pela história das ideias.

Somos igualmente conscientes de que, em um outro extremo, os partidários da erradicação da psicanálise se aproveitaram para responsabilizar, de modo injusto e excessivo, profissionais que não são de modo algum responsáveis por esses abusos, e insistindo, de maneira inversa àquela dos psicanalistas já citados nesse documento, sobre esse e aquele método como sendo os únicos capazes de trazer uma resposta às grandes e complexas questões postas pelo autismo, tornando-se, por sua vez, questão dos mesmos conflitos estéreis. (...)

(...) Pedimos solenemente, e segundo os princípios intangíveis da liberdade de pensamento que, no caso do autismo e dos demais TED/TDA* sejam respeitados todos os tratamentos capazes de ajudar as famílias e de aliviar seus sofrimentos e de seus filhos, e de respeitar sua dimensão de seres de relação. (...)

(...) Pedimos aos pesquisadores, tanto da área da genética e das neurociências, quanto das ciências humanas e clínicas, que auxiliem os demais profissionais a integrar o resultado de suas pesquisas às práticas desses últimos e que contribuam ao debate geral com suas expertises específicas, guardando a devida neutralidade para além do perímetro de suas competências particulares. (...)

(...) Pedimos, enfim, aos políticos, que devem organizar os quadros dentro dos quais esses tratamentos serão realizados, de não interferir na seara das competências profissionais, mas de auxiliar a melhora das condições nas quais os portadores de TED/TDA* são tomados em tratamento atualmente e

o serão amanhã, permitindo não somente integrar as diferentes pesquisas disponíveis ou em desenvolvimento, mas de o fazerem sem esquecer que a qualidade da relação humana que deve cercar essas crianças e seus pais é, em parte, condicionada pelos meios que são disponibilizados ao tratamento do autismo. Será então, sábio e urgente avaliar cientificamente a realidade das respostas trazidas pelos serviços sanitários e médico-sociais, no intuito de precisar o que resta a ser aprimorado ou mesmo mudado, nesse campo complexo, muito mais do que se ater a clichês caricatos e aproximativos.”

Todos os textos foram traduzidos pela autora

Fontes de pesquisa: textos dos periódicos abaixo, compreendidos entre janeiro e maio de 2012.

www.lefigaro.fr

WWW.lemonde.fr

WWW.liberation.fr

WWW.lenouvelobservateur.fr

*TED: troubles envahissants du développement (transtornos invasivos do desenvolvimento)

*TDA: troubles déficitaires de l'attention (transtornos deficitários da atenção)